

Darwin casa-se por engano: um transformista em destaque na comédia *Augusto Annibal quer casar* (Brasil, Luiz de Barros, 1923)

Sancler Ebert^{*}

Resumo: Neste artigo exploramos a participação do transformista Darwin, o imitador do belo sexo, na comédia silenciosa *Augusto Annibal quer casar* (Brasil, Luiz de Barros, 1923). O imitador fez grande sucesso se apresentando nos palcos dos cineteatros do Rio de Janeiro entre 1914 e 1933, tendo a década de 1920 como destaque, o que o levou a participar da comédia. Buscamos compreender como teria sido a presença do artista no filme a partir da pesquisa em periódicos, dado que nenhuma cópia da película sobreviveu e refletir como o transformista, ainda que com tempo de tela menor, foi utilizado como destaque pela publicidade da comédia.

Palavras chave: Darwin, o imitador do belo sexo; *Augusto Annibal quer casar*; comédia silenciosa; Luiz de Barros; Rio de Janeiro.

Darwin se casa por error: un transformista en el centro de la comedia *Augusto Annibal quer casar* (Brasil, Luiz de Barros, 1923)

Resumen: En este artículo exploramos la participación de Darwin, el imitador del bello sexo, en la comedia silente *Augusto Annibal quer casar* (Brasil, Luiz de Barros, 1923). El imitador tuvo un gran éxito actuando en los escenarios de los cines de Río de Janeiro entre 1914 y 1933, destacando los años 20, lo que le llevó a participar en la comedia. Buscamos entender cómo habría sido la presencia del artista en la película a partir de la investigación en los periódicos, dado que no se ha conservado ninguna copia de la película, y reflejar cómo el transformista, aún con menos tiempo en pantalla, fue utilizado como elemento destacado para la publicidad de la comedia.

Palabras clave: Darwin, el imitador del bello sexo; *Augusto Annibal quer casar*; comedia silente; Luiz de Barros; Río de Janeiro.

Darwin gets married by mistake: a cross-dresser featured in the comedy *Augusto Annibal quer casar* (Brazil, Luiz de Barros, 1923)

Abstract: In this article we explore the participation of Darwin, the beautiful sex impersonator, in the silent comedy *Augusto Annibal quer casar* (Brazil, Luiz de Barros, 1923). The impersonator had great success performing on the stages of the movie theaters of Rio de Janeiro between 1914 and 1933, with the 1920s as the highlight, which led him to participate in comedy. We seek to understand how the artist's presence in the film would have been based on research in periodicals, since that no copy of the film has survived, and to reflect how the cross-dresser, even with less screen time, was used as a highlight by the advertising of the comedy.

Keywords: Darwin, the beautiful sex impersonator; *Augusto Annibal quer casar*; silent comedy; Luiz de Barros; Rio de Janeiro.

Introdução¹

Diretor com extensa carreira, Luiz de Barros lançou seu primeiro filme em 1916, *Perdida*² e ao longo de quase 61 anos, dirigiu ficções, não ficções e cinejornais, sendo *Ele, ela quem?* sua última produção como diretor, lançada em 1977.³ Dirigiu o primeiro filme de longa-metragem brasileiro sonorizado, *Acabaram-se os otários* (1929)⁴ e chanchadas como *Berlim na batucada* (1944). Ao analisarmos as fichas técnicas de suas obras presentes no seu livro autobiográfico *Minhas memórias de cineasta*⁵ podemos observar que Lulu Barros, como também era conhecido, assumia diversas funções, não se restringindo a ser o diretor das películas, mas também o fotógrafo, figurinista, cenógrafo, montador e roteirista. No entanto, a versatilidade de Barros não se restringia ao cinema, uma vez que ele “realizou vários trabalhos com teatro, cassino, prólogos cinematográficos e organizou bailes de carnaval.”⁶

Devido a esse perfil multifacetado, Barros estava em frequente contato com artistas de diferentes meios culturais, o que impactava na escalação de seus filmes, nos quais o diretor acionava artistas de diferentes palcos e experiências, como acontece em *Augusto Annibal que casar* (1923), filme que será nosso foco, pois nos interessa neste

¹ Este artigo é uma versão revista e ampliada da comunicação apresentada no VI Congreso de la Asociación Argentina de Estudios sobre Cine y Audiovisual (AsAECA), Santa Fe, 2018, e publicada nas *Actas del VI Congreso Internacional AsAECA*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: AsAECA, 2018

² Ainda que *Perdida* tenha sido o primeiro filme lançado por Luiz de Barros, não foi o primeiro filmado pelo cineasta. Em 1914 Barros dirigiu *A viuvinha*, adaptação do romance de José de Alencar, no entanto, insatisfeito com os resultados, o diretor destruiu os materiais filmicos. Essa informação consta no texto: BARROS, Luiz de. *Minhas memórias de cineasta*. Rio de Janeiro: Artenova, 1978, p. 45-46.

³ RAMOS, Fernão e Luiz Felipe Miranda. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac, 2000.

⁴ FREIRE, Rafael de Luna. “Acabaram-se os otários: compreendendo o primeiro longa-metragem brasileiro sonoro”, *Rebeca*, vol. 3, pp. 104-128, 2013.

⁵ BARROS, *op. cit.*

⁶ VASCONCELLOS, Evandro Giansi. *Entre o palco e a tela: As relações do cinema com o teatro de revista em comédias musicais de Luiz de Barros*. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2015, p. 43.

artigo compreender como foi a participação do transformista Darwin, o imitador do belo sexo,⁷ na obra e como o artista foi utilizado como destaque nas publicidades da película. Como os materiais fílmicos da obra não foram preservados, utilizaremos a pesquisa em periódicos para buscar reconstruir a presença do transformista no filme.

A comédia estrelada por Augusto Annibal é o nono filme de enredo lançado comercialmente pelo diretor e produzido pela Guanabara Film, empresa criada por Barros uma década antes. Nesta película encontramos artistas do teatro de revista, dos palcos dos cineteatros, dos concursos de beleza e do famoso Ba-ta-clan de Paris. A relação do cinema brasileiro com os espetáculos de palco em geral e o cinema hollywoodiano é apontado pela pesquisadora Luciana Corrêa de Araújo em seu artigo *Augusto Annibal quer casar!: teatro popular e Hollywood no cinema silencioso brasileiro*, como uma explicação para a inclusão de artistas de diferentes palcos no filme de Lulu de Barros. Sucesso no teatro de revista devido a sua interpretação do Coronel Felipe, Augusto Annibal foi chamado para protagonizar a fita e emprestar seu nome ao personagem principal e título da obra. Como explica Araújo, essa era:

(...) uma estratégia publicitária recorrente na indústria cinematográfica desde a década de 1910, seja nos títulos originais, seja nos títulos traduzidos para o mercado brasileiro, e bastante explorada em gêneros de grande popularidade, como os seriados e as comédias. A extensa lista inclui desde Charles Chaplin, Max Linder e Pearl White, nos anos 1910, em títulos como *Carlito nos bastidores* (*Behind the screen*, Charles Chaplin, 1916), *Max encontrou uma noiva* (*Max a trouvé une fiancée*, Lucien Nonguet, 1911) e *Pearl of the Army* (Pathé, 1916) a Harold Lloyd, na década seguinte, como *Haroldo encrocado* (*Welcome danger*, Clyde Bruckman e Malcom St. Clair, 1929).⁸

O comediante era um dos nomes mais famosos daquele período, a peça *Aguenta Felipe!*, protagonizada por ele, havia sido o maior sucesso do ano anterior ao filme,

⁷ Termo utilizado para designar artistas masculinos que entre o final do século XIX e início do século XX se apresentavam travestidos de mulheres e faziam sucesso pela imitação dos trejeitos femininos.

⁸ ARAÚJO, Luciana Corrêa de. “Augusto Annibal quer casar!: teatro popular e Hollywood no cinema silencioso brasileiro”, *Alceu*, vol. 16, n. 31, julho/dezembro 2015, p. 65.

1922, chegando a ser classificada por Paiva como “a revista que mudou o curso da história do teatro de revista brasileiro”.⁹ Com texto de Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes e musicada por Assis Pacheco, a peça da Companhia Nacional de Revistas e Burletas do Teatro Carlos Gomes, pertencente à Empresa Paschoal Segretto, ficou ininterruptamente sete meses e sete dias em cartaz, somando quase 400 apresentações e “nas remontagens imediatas, ultrapassou a oitava centena de vezes em cena –número somente comparável ao de poucas revistas americanas na Broadway”.¹⁰ Devemos ressaltar que essa não foi a primeira colaboração entre Augusto Annibal e Luiz de Barros, uma vez que, este dirigiu o comediante em 1922 no filme *O cavaleiro negro*.¹¹

Como forma de atrair um público masculino, Barros convidou as girls do Ba-ta-clan, de Paris, que se apresentavam no Rio de Janeiro desde 1922, dirigidas por Madame Rasimi. Os espetáculos das francesas acabaram influenciando as revistas brasileiras, como informa Paiva,¹² com a diminuição das roupas das coristas, a introdução de uma coreografia bem ensaiada e a melhoria nos cenários e figurinos. Entre as artistas francesas recrutadas para a obra estavam Viola Diva, Andrée Fix e Regina Dalthy. Com destaque nas publicidades do filme, Yara Jordão era a principal protagonista feminina da trama e foi convidada a participar do longa após participar do concurso de beleza de Copacabana. Completando o elenco, vinha Darwin, conhecido como imitador do belo sexo.

Antes de explorarmos a participação de Darwin no filme e nas publicidades, devemos compreender quem era esse artista que fazia um grande sucesso junto as plateias do

⁹ PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Viva o rebolado. Vida e morte do teatro de revista brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 220.

¹⁰ *Ibid*, p. 220.

¹¹ ARAÚJO, *op. cit.*

¹² PAIVA, *op. cit.*

Rio de Janeiro, num período em que travestir-se em público era proibido de acordo com o Código Penal, que previa detenção àqueles que desobedecessem a lei.¹³

Para isso realizamos pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil¹⁴ e investigação nas duas sedes do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ) e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Darwin, o rei dos imitadores do belo sexo

De origem espanhola, Darwin, o imitador do belo sexo, apresentou-se nos palcos dos cineteatros cariocas entre os anos de 1914 e 1933. O maior número de espetáculos do artista foi registrado na década de 1920, quando se apresentou entre 1922 e 1924. O transformista esteve presente tanto na região do Centro, na qual surgiram as primeiras salas de cinema da então Capital Federal, como nos bairros nobres da Zona Norte e Zona Sul, quanto na região do subúrbio, na qual os cineteatros se localizavam às margens das estações da linha ferroviária da Leopoldina. O imitador ocupava o palco dos cineteatros em grande parte sozinho, mas nas vezes em que dividia o

¹³ GREEN, James. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 172.

¹⁴ Inicialmente, buscamos pelo termo “Darwin” na década de 1920, sabendo que ele havia participado do filme de Barros. Depois pesquisamos as décadas de 1910 e 1930, anterior e posterior à primeira década pesquisada e, por fim, retrocedemos até a década de 1900 e avançamos para década de 1940. Foram encontrados 41 resultados para o termo entre 1900 e 1909, 76 entre 1910 e 1919, 374 entre 1920 e 1929, 256 entre 1930 e 1939 e por fim, 246 entre 1940 e 1949. Com isso, repassamos 993 ocorrências para ao final encontrarmos 318 que tratavam de Darwin, o imitador do belo sexo, no Correio da Manhã. O objetivo com a investigação em todas essas décadas era identificar o período em que o transformista se apresentou no Rio de Janeiro, na busca da primeira e a última menção. Foi assim que chegamos ao recorte de 1914-1933 (ainda que o artista apareça em 1937, mas não mais cineteatros, que é foco da pesquisa maior da qual este artigo é um recorte). Para complementar essa coleta, pesquisamos pelo termo Darwin no periódico Gazeta de Notícias, dessa vez, já a partir do recorte identificado. Encontramos 104 ocorrências entre 1910 e 1919, 87 entre 1920 e 1929 e 47 entre 1930 e 1939. Dando continuidade à investigação, buscamos pelos termos “Darwin” + “imitador do belo sexo” (62 ocorrências entre 1910 e 1919 em dezessete periódicos, 150 entre 1920 e 1929 em dezoito periódicos, 44 entre 1930 e 1939 em catorze periódicos), “Darwin” + “imitador” (197 ocorrências entre 1910 e 1919 em 29 periódicos, 342 entre 1920 e 1929 em 26 periódicos, 142 entre 1930 e 1939 em 28 periódicos) e “Augusto Annibal quer casar” (106 ocorrências entre 1920 e 1929 em 24 periódicos).

espaço, as atrações eram diversas. Atendendo à cultura do mundanismo¹⁵, na qual a elite política e social brasileira era atraída por tudo que fosse estrangeiro, muitos dos artistas programados junto à Darwin eram destacados pelos seus adjetivos gentílicos, como cançonetista francesa, bailarina húngara, dançarinos americanos. Observando os tipos de atrações, podemos listar cantoras, bailarinos, comediantes, imitadores, músicos, acrobatas, atiradores, mágicos e tipos curiosos, como Frosso, o homem boneco e Rogínski, o homem com estômago de avestruz que comia de dinheiro a rãs.¹⁶ A programação era completada por filmes, em sua maioria comédias e dramas lançados originalmente um ano antes de chegar às salas cariocas.¹⁷ Darwin se apresentou no Rio de Janeiro num período em que as salas de cinema funcionavam com uma programação mista de palco e tela. Freire aponta diversas razões para que as salas de cinema tenham se tornado cineteatros: “como forma de lidar com a falta de filmes novos, para aproveitar o excesso de artistas desempregados e para tentar atrair o público”.¹⁸ A importação de filmes para o Brasil foi impactada pela Primeira Guerra Mundial, em virtude da maioria das películas virem da Europa, cenário do conflito.

As apresentações de Darwin eram compostas por três elementos principais: a performance de canções, a exibição de roupas femininas de luxo e a imitação de diferentes tipos de mulheres. O repertório do artista contava com canções de diferentes nacionalidades. Em suas primeiras apresentações no país, Darwin

¹⁵ BROCA, 1960 *apud* CONDE, Maite. *Foundational Films: Early Cinema and Modernity in Brazil*. Oakland: University of California Press, 2018.

¹⁶ EBERT, Sancler. “Darwin nos palcos: entre cômicos, telepatas, fantoches e Pixinguinha”. In: *Anais de Textos Completos do XXII Encontro SOCINE*. São Paulo: SOCINE, 2019. vol. 1. pp. 964-969.

¹⁷ EBERT, Sancler. “Um transformista no palco, dramas e cômicos na tela: a programação de filmes dos cineteatros cariocas no início do Séc. XX”. In: Gil Mariño, Cecilia Nuria e Julia Elena Kejner. *Nuevas formas del cine y del audiovisual: géneros, afectos, identidades y política: Actas del VII Congreso Internacional AsAECA*. Buenos Aires: Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, 2020. pp. 34-42.

¹⁸ FREIRE, Rafael de Luna. *O negócio do filme: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915*. Rio de Janeiro: Cinemateca MAM Rio, 2022, p. 344.

travestia-se como uma cantora francesa, uma espanhola e outra italiana,¹⁹ demonstrando dominar diferentes idiomas ao cantar. O que nos leva a entender como após alguns anos no Brasil, o artista passa a interpretar sucessos carnavalescos em português, como a canção Maroca.²⁰ Essa renovação do repertório fica evidente nas publicidades e notas sobre o artista, que teria, segundo o Correio da Manhã, um “repertório inesgotável”²¹ ou como promete o Gazeta de Notícias: “Todas as noites números novos”.²²

Na década de 1920, o repertório de Darwin era principalmente formado por *fox-trots* e tangos, conforme indicam as partituras que vinham na revista Selecta, que contavam com a imagem do transformista na capa. O artista era usado como chamariz para as partituras, que tinham letra e música de outros artistas, mas que faziam parte do repertório do imitador. Até o momento encontramos catorze partituras, dessas três *fox-trots* e onze tangos. Entre as canções do seu repertório podemos citar os fox-trot *La chula tanguista* (Letra de E. Tegglén e música de Juan Rica), *Così piange Pierrot* (letra e música de C. A. Bixio), *Carnaval de Pierrot* (Letra de P. Buonano e música de E. A. Mario) e os tangos *La paiquita* (música de J. M. Codonez), *Talán-talán* (Letra de A. Vacarezza e música de E. Delfino), *Pobre Madre!* (Letra de Alfredo Lamarca e música de L. Martinez Serrano), *Cascabelito* (Letra de Juan A. Caruso e música de José Böhr²³).

Até o momento não temos informações precisas sobre a quantidade de números que Darwin apresentava por espetáculo. Apenas uma notícia sugere que seriam três

¹⁹ *Gazeta de Notícias*, 01 de novembro de 1914, p. 2.

²⁰ *Correio da Manhã*, 19 de abril de 1922, p. 6.

²¹ *Correio da Manhã*, 05 de abril de 1922, p. 12.

²² *Gazeta de Notícias*, 10 de agosto de 1922, p. 8.

²³ José Bohr, nascido alemão, cresceu no Chile, país no qual iniciou sua carreira como cineasta. Bohr era músico e compositor, além de roteirista, diretor e ator. Em sua carreira, participou de 45 películas no Chile, Estados Unidos, México e Espanha. Como músico, compôs mais de 100 tangos, muitos deles gravados pelo amigo Carlos Gardel, como a citada *Cascabelito*. A informação foi obtida em MARTÍNEZ, Francisco-Ernesto. “El actor cinematográfico José Bohr se presentó en Masaya, en 1932”, *Revista de Nicaragüenses*, n. 137, setembro de 2019, pp. 421-425.

canções, que a pedido do público se tornavam seis: “[...] Todas as noites se enche o luxuoso cinema do largo da Segunda-feira e Darwin, que pelo programa, tem de cantar três números, é instado para permanecer no palco e canta o dobro [...]”.²⁴ Como até o momento encontramos somente essa informação sobre o número de apresentações, não podemos afirmar que os espetáculos em outros cineteatros e em outros períodos seguiam a mesma lógica.

Além das canções apresentadas, outra grande atração dos espetáculos de Darwin eram as roupas de luxo exibidas pelo artista no palco, que eram anunciadas nas publicidades como “Luxuosíssimas toilettes, últimas novidades da moda! Cenários deslumbrantes! Uma fortuna empregada em cena! Elegância! Arte! Beleza, Graça e Donaire”;²⁵ “[...] esplendor das 70 diferentes ‘toilettes’ de luxo que exhibirá”;²⁶ “com as suas luxuosíssimas toilettes, dos mais afamados costureiros de Paris [...]”;²⁷ “Vem de Paris. Traz toilettes de Patou, Worth!”,²⁸ possivelmente se referindo ao estilista francês Jean Patou e ao costureiro inglês Charles Frederick Worth.

Em relação as imitações, Darwin era reconhecido como o rei dos imitadores do belo sexo, a ponto de ele ser citado como referência a outros imitadores. Se num primeiro momento há uma comparação²⁹ dele com Fregoli³⁰ e Fatima Miris³¹, depois da sua

²⁴ *Correio da Manhã*, 10 de junho de 1922, p. 4.

²⁵ *Gazeta de Notícias*, 08 de agosto de 1922, p. 8.

²⁶ *Correio da Manhã*, 09 de dezembro de 1932, p. 8.

²⁷ *Correio da Manhã*, 20 de dezembro de 1932, p. 10.

²⁸ *A Noite*, 10 de dezembro de 1932, p. 2.

²⁹ [...] Darwin, o famoso, o mais completo imitador de mulheres que tem aqui aparecido, emulo de Fregoli e de Fatima Miris (*Correio da Manhã*, 14 de maio de 1922, p. 7).

³⁰ Leopoldo Fregoli, ator italiano, conhecido como um dos primeiros transformistas do mundo e que esteve no Brasil diversas vezes entre o final do século XIX e início do século XX. A estreia do artista italiano no Rio de Janeiro se deu no Theatro Lyrico no dia 22 de julho de 1895 (*Gazeta de Notícias*, p. 06). Fregoli ficou famoso pela sua capacidade de transformar-se em diferentes personagens: mulher, homem, idoso, criança (RUSCONI, Alex. *Fregoli. La biografia*. Roma: Stampa Alternativa / Nuovi Equilibri, 2011). Uma crítica publicada no *Gazeta de Notícias* de 24 de julho de 1895 sobre o primeiro espetáculo do artista em solo brasileiro revela o talento de Fregoli para transitar entre os gêneros: “Principiou as suas habilidades aparecendo-nos vestido de mulher e cantando um trecho de ópera

aparição nos cineteatros, é Darwin que passa ser utilizado como critério de comparação ou superação. Apesar de Douglas Harri ser apontado como possível rival de Darwin em uma nota, já no dia seguinte Darwin desbanca seu concorrente ao ser anunciado como o “sem rival”.³² Em 1930, quando o imitador já estava afastado há seis anos do Rio de Janeiro, ele permanecia como referência no gênero, sendo utilizado para apresentar um artista: “Vianor, o transformista, trabalha no mesmo gênero de Darwin, que vimos há tempos”.³³ Antes do seu retorno aos cineteatros cariocas em 1932, ainda em 1931, o imitador parecia superado pela imprensa como demonstram os trechos: “Rubens, supera tudo quanto se tem visto em seu gênero, sendo muito melhor que Darwin”³⁴ e “é o artista do gênero que suplantou Darwin, de quem o nosso público ainda tem saudades”.³⁵

Investigando os periódicos da época, podemos compreender a razão do destaque do transformista frente aos seus colegas, visto que diversas são as notas e textos que vão descrever a perfeição do trabalho de Darwin, como o artigo *O poder do artifício* do jornalista Costa Rego: “Em primeiro lugar, veste-se a primor. Nas sedas, nos arminhos, nas peles, nas plumas, está pode-se dizer, metade da mulher. Em seguida, recorre Darwin à química dos potes de creme, dos lápis e carvões, dos carmins e pós de arroz, dos postigos e dos grampos. Assimila ele, assim, a segunda metade”.³⁶ Ainda que valorizasse o uso dos figurinos e maquiagens para a criação da ilusão

com uma voz de mezzo soprano, que faria morrer de raiva a muitas cantoras que andam por esse mundo a fora atordoando os ouvidos do próximo. A ilusão era perfeita: as notas saíam cheias, vibrantes, de rigorosa afinação, como se fossem emitidas pela Sra. Guerrini. O Sr. Fregoli volta-se, eilo vestido de homem a cantar com a bela voz de barítono. Depois, virando-se ora para um lado ora para outro, canta sozinho um dueto, destruindo assim a opinião até aqui considerada como verdadeira de que para cantar um duo são precisas duas pessoas”. (p. 2)

³¹ Fatima Miris, atriz italiana, apresentada como rival de Fregoli. “105 transformações em 40 minutos” (*Pacotilha*, 19 de fevereiro de 1918, p. 1).

³² *Correio da Manhã*, 06 de maio de 1922, p. 12.

³³ *Crítica*, 18 de julho de 1930, p. 6.

³⁴ *Diário de Notícias*, 01 de julho de 1931, p. 14.

³⁵ *Correio da Manhã*, 14 de julho de 1931, p. 7.

³⁶ *Correio da Manhã*, 21 de abril de 1922, p. 2.

proporcionada pelo imitador, Costa Rego defendia que era a observação do transformista sobre o corpo feminino e sua aptidão física que o fazia inimitável em sua arte: “[...] porque Darwin não seria perfeito se não houvesse estudado a maneira como a mulher costuma apoiar-se sobre o pé direito, deixando ligeiramente suspenso o pé esquerdo; dos dotes pessoais, porque essa observação de nada lhe valeria se a natureza não houvesse dado um físico acessível ao esforço da adaptação”.³⁷

Interessante observar como em alguns textos as performances de Darwin são defendidas como arte, a sua imitação do universo feminino como um dom. Nas notas fica marcado que seu gênero é masculino e que sua transformação em mulher faz parte de uma cuidadosa e trabalhosa arte.

A sua linda figura em cena dominou logo a assistência. As mulheres levantavam-se nas frisas e nos camarotes para ovacionarem Darwin. E mordiam os lábios nervosamente... A exteriorização é perfeita. É perfeita pela verdade do gesto, pela leveza do caminhar, pelo encanto das poses. Engana maravilhosamente. Darwin, que é um rapagão formoso, em cena, dentro de um vestido decotado, onde o seu colo desabrocha, como uma flor muito branca e muito linda, é fascinada criatura, uma perfeita mulher com toda a perturbação do seu encanto dominador. [...] E a graça encantadora das mulheres fascinadoras, das mulheres que seduzem, está estampada na sua expressão do seu rosto, na doçura de seu sorriso, na meiguice daquele seu olhar rasgado e quente. Darwin então é mulher. Tira depois a cabeleira em cena e Darwin é o rapaz formoso que com uma arte toda sua e verdadeiramente admirável consegue dar-nos através de uma sensação boníssima, dentro de uma ilusão esplendente, todo esse encanto, tão misterioso, para nós, que só as mulheres possuem. Bendita seja a arte de Darwin, o formoso.³⁸

Podemos encontrar outra menção ao trabalho de Darwin como artístico numa nota sobre seu retorno ao Rio de Janeiro na década de 1930 após alguns anos afastados da Capital: [...] Darwin é, realmente, inexcusável nas imitações que faz. Quando ele se mostra em pleno trabalho artístico, ninguém adivinhará que se trata de um homem, tal a perfeição absoluta da simulação, não só as formas, os movimentos exteriores,

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Gazeta de Notícias*, 01 de novembro de 1914, p. 2

visíveis da mulher, como também, ganha tudo o que há de impalpável, de fugitivo, nas filhas de Eva [...].³⁹

Ainda no período de sua volta ao Brasil na década de 1930, encontramos uma notícia que, pela primeira vez, revela que Darwin também se apresenta em sua forma masculina no palco. Até então, os textos publicados na imprensa carioca informavam apenas que o artista se desmontava ao final do espetáculo, tirando sua peruca, para desfazer o encanto sobre a plateia, principalmente a masculina.

(...) No seu gênero, Darwin é atualmente o maior artista do mundo. Nenhum existe que, como ele, saiba imitar o sexo frágil, já na apresentação de toilettes, já no canto, já nas maneiras. Dir-se-ia que ele possui duas almas, e delas se serve à vontade, quando aparece em cena. Ora é uma linda mulher cujos vestidos feitos pelos melhores costureiros de Paris encantam principalmente as senhoras; ora é um rapaz simpático e insinuante que canta maravilhosamente tangos e rancheras. É esse artista incomparável que os frequentadores do Eldorado vêm admirar segunda-feira no palco do elegante cinema: e dele vão conhecer as mais recentes novidades da moda.⁴⁰

O entendimento da travestilidade de Darwin como arte explica porque o artista fazia sucesso num período em que a travestilidade em público constituía uma violação do Código Penal. A travestilidade só poderia ser aceita se fosse arte e não forma de vida. Fora do palco e até mesmo nele, no encerramento do espetáculo, Darwin afirmava-se como homem, reforçando que seu trabalho era criar a ilusão no público. As provas de que a travestilidade no palco era bem aceita são o sucesso de Darwin, que pode ser comprovado a partir de diferentes dados. Um primeiro, são as diversas notas publicadas na imprensa carioca que reforçam uma narrativa de êxito do transformista no Rio de Janeiro: “continuação do colossal sucesso que está obtendo no nosso palco um artista que passou a ser ultra querido do público, Darwin (o imitador do belo sexo)”;⁴¹ “Darwin, em toda a parte onde se tem exibido, consegue

³⁹ *Correio da Manhã*, 09 de dezembro de 1932, p. 8.

⁴⁰ *Correio da Manhã*, 20 de dezembro de 1932, p. 10.

⁴¹ *Correio da Manhã*, 18 de abril de 1922, p. 5.

temporadas brilhantes, como ultimamente aconteceu nos cine-teatros Americano e America”;⁴² “Hoje, continuação do esplendido triunfo que está tendo no palco do palácio da cinematografia o elegante, o interessante, o célebre artista Darwin”;⁴³ “O êxito crescente e ruidosíssimo do mais perfeito e admirável imitador do belo sexo: Darwin, o sem rival”.⁴⁴

Outros pontos que confirmam a relevância do transformista são: a quantidade de tempo no qual o artista permanecia em cada cineteatro; suas apresentações em matinés infantis, como nas do Rialto,⁴⁵ apontando que o público do artista não era apenas formado por adultos e por fim, a sua participação numa produção cinematográfica, no caso, em *Augusto Annibal quer casar*. Assim, o sucesso nos palcos lhe deu aval para sua estreia nas telas.

Darwin, num papel feminino de entontecer os homens

Embora nenhuma cópia do filme tenha sido preservada, podemos ter uma ideia de como era o enredo de *Augusto Annibal quer casar* por meio de um cine-romance assinado por Carlos Veiga na revista A Scena Muda.⁴⁶ Na trama, Augusto Annibal é um rapaz de coração ardente, que sonhar em casar-se, mas não encontra uma noiva. Em um certo dia, ele decide que vai arranjar uma noiva a qualquer custo e decide perseguir a primeira moça que encontrar. Enquanto passeia com seu carro, Augusto Annibal vê Yara Jordão passar e passa a segui-la. Ela foge dos galanteios dele, que continua a persegui-la. Em uma rua, um automóvel cheio de belas moças e dirigido pela francesa Viola Diva esperava Yara, que sobe no veículo para fugir do rapaz. Augusto Annibal passa a seguir o carro das moças e vão parar na praia da Gávea, onde

⁴² *Correio da Manhã*, 06 de abril de 1922, p. 4.

⁴³ *Correio da Manhã*, 09 de abril de 1922, p.16.

⁴⁴ *Correio da Manhã*, 06 de maio de 1922, p. 12.

⁴⁵ *Gazeta de Notícias*, 31 de agosto de 1923, p. 8.

⁴⁶ *A Scena Muda*, ano 3, n.129, 13/09/1923, p. 6,7, 31.

o carro do comediante sofre uma derrapagem o arremessando na areia. Ele perde os sentidos e é socorrido pelas jovens. Antes de voltar a si, ele sonha com as moças ora como lindas banhistas, ora como ninfas que dançam em torno dele. Ao despertar, Augusto Annibal é perseguido por homens barbados, tão assustadores, que para escapar o jovem até abandonar as calças nas mãos de um dos seus perseguidores. Ao retornar à cidade as belas garotas decidem curar a mania matrimonial de Augusto Annibal e para isso vão à casa de Darwin e conseguem convencê-lo a se passar por uma moça bonita aos olhos do ingênuo Annibal. Elas escrevem uma carta ao rapaz avisando que encontraram uma noiva para ele e que a única condição é que o casamento fosse naquele mesmo dia. Augusto Annibal aceita a imposição e depois de mil sacrifícios para conseguir levar seu carro até Santa Tereza, chega a casa onde Darwin o espera já vestido de mulher, junto a um falso padre. O casamento acontece e logo após a cerimônia Darwin passa a falar e andar como um homem causando um susto a Augusto Annibal que sai em corrida louca em camisa e ceroulas pelas ruas da cidade, pelos cais e até pelo mar, onde se agarra em um aeroplano para ir procurar uma noiva no céu.

Pelo conto, podemos perceber que o filme se desenrola a partir de várias situações cômicas envolvendo perseguições, trapagens, investidas amorosas frustradas e confusão de gêneros, elementos que Araújo elenca como comuns a filmes da “linhagem da slapstick comedy norte-americana (a comédia pastelão, como viria a ser chamada no Brasil)”.⁴⁷ Nas publicidades, *Augusto Annibal quer casar* será vendido como um filme do gênero Sunshine Comedy, que era uma unidade de produção da Fox, direcionada a comédias curtas de dois rolos, que utilizavam animais, belas garotas e manobras arriscadas por parte de seus artistas. Pelo filme ser anunciado por esse gênero, poderíamos compreender que a metragem dele deveria ser curta, como assim eram os da Fox, no entanto, as informações disponíveis são contraditórias. A Filmografia Brasileira, base de dados da Cinemateca Brasileira, categoriza a obra

⁴⁷ ARAÚJO, *op. cit.*, p.67.

como curta-metragem, todavia a comédia é listada no livro *Dicionário de filmes brasileiros – Longa metragem* de Silva Neto.⁴⁸ Os anúncios da época de lançamento também não possuem um consenso. Quando o filme é exibido no Theatro Colombo, cinema da região do Brás de São Paulo, primeiro é apresentado como tendo seis atos,⁴⁹ para uma semana depois o mesmo estabelecimento anunciá-lo como sendo de cinco atos.⁵⁰ Em 1925, durante a exibição no Cinema Olympia de São Luís do Maranhão, a comédia é divulgada com três atos.⁵¹

De acordo com Araújo,⁵² a comédia dirigida por Barros teria sido um filme de ocasião, filmado em poucos dias, para aproveitar a passagem da companhia Ba-ta-clan pelo Teatro Lyrico e com financiamento do exibidor Generoso Ponce Filho, que não só garantiu o valor para as filmagens às pressas, como também a janela de exibição, posto que ele era proprietário do cineteatro Parisiense, onde o filme estreou e presidente da Associação de Exibidores, o que garantiu a *Augusto Annibal quer casar* um circuito de mais de 10 salas.

É interessante observar a partir do conto que Darwin aparece no filme somente na parte final, tendo possivelmente pouco tempo de tela. A descrição da trama também nos permite inferir que o artista aparece primeiramente na sua forma masculina, quando recebe as meninas em sua casa e posteriormente, no casamento, travestido como mulher (apenas uma imagem de Darwin como noiva ainda existe, publicada junto ao conto na revista *A Scena Muda* (Figura 1). O possível pouco tempo de tela de Darwin não faz jus a sua presença nas publicidades, nas quais é grande destaque, como veremos mais a frente.

⁴⁸ SILVA NETO, Antônio Leão da. *Dicionário de Filmes Brasileiros. Longa-metragem*. São Paulo: A. L. Silva Neto, 2002.

⁴⁹ *O Combate*, 14 de janeiro de 1924, p. 2.

⁵⁰ *O Combate*, 21 de janeiro de 1924, p. 2.

⁵¹ *Folha do Povo*, 31 de março de 1925, p. 2.

⁵² ARAÚJO, *op. cit.*



Figura 1. Augusto Annibal e Darwin (em destaque) junto ao restante do elenco na cena do casamento.
Fonte: *A Scena Muda*, ano 3, n. 129, 13/09/1923, p. 6

A imagem nos permite ver a principal caracterização do transformista no filme, a de noiva de Augusto Annibal. Darwin usa um cabelo curto, levemente ondulado, com o corte na altura das bochechas, como as outras mulheres da foto. A maquiagem em torno dos olhos é forte, assim como o batom nos lábios, que se destaca mesmo na imagem desgastada da revista. Estes elementos já faziam parte da imagem do artista nos palcos dos cineteatros, como apontam imagens de divulgação. É interessante observar que o imitador não se prende à visão mais tradicional feminina, ligada aos cabelos compridos, mas incorpora na sua performance a imitação da mulher moderna. “Os olhos expressivos, a boca marcada e o cabelo curto personificavam a imagem da melindrosa”,⁵³ indicam Rocha e Bon. Michelle Perrot explica que as mudanças na forma de se vestir e de se apresentar, como no caso dos cortes de cabelo, estavam relacionadas aos movimentos feministas do período, acelerados pela Primeira Guerra Mundial que levou mais mulheres a trabalharem fora, tornando o cabelo curto uma comodidade para enfermeiras, operárias de fábrica, motoristas de

⁵³ ROCHA, Everardo e Olga Bon. “Muitas mulheres, raras mulheres: representações do feminino nos anúncios dos anos 1920”, *Lumina*, [S. l.], vol. 14, n. 3, 2020, p. 100. DOI: 10.34019/1981-4070.2020.v14.21470.

ambulância. “O corte dos cabelos, nesse momento brilhante dos “Anos Loucos”, significa nova mulher, nova feminilidade”.⁵⁴ Se repararmos com atenção para os espetáculos de Darwin, perceberemos que os elementos antes citados como componentes de suas apresentações eram todos modernos. Os principais gêneros musicais performados pelo imitador na década de 1920 eram o tango e o fox-trot. Enquanto o primeiro só havia deixado de ser marginalizado a partir de 1916, com as canções de Carlos Gardel, o segundo, gênero originário nos Estados Unidos, só invadiu o Brasil após o fim da guerra.⁵⁵ A exibição de figurinos de luxo, costurados por estilistas de fama mundial buscavam alimentar um consumo feminino em ascensão, visto que a moda passa a ocupar grande espaço na vida da mulher. “É preciso manter-se informada das tendências da moda europeia, principalmente a francesa [...] As revistas e catálogos de lojas despertam grande fascínio entre as mulheres. [...] Dentro ou fora de casa as mulheres são atraídas a ganhar ou gastar dinheiro nesse mercado (da moda) aquecido pelo crescimento da cidade.”⁵⁶ Dessa forma, não causa surpresa que a imagem de Darwin na comédia seja de uma mulher moderna. Tanto que o vestido de noiva utilizado pelo transformista tem um decote que é suavizado por uma espécie de broche. A beleza de Darwin no filme vai ser motivo de comentários, como num anúncio que proclama: “Darwin num papel femino [sic] de entontecer os homens”.⁵⁷

Seguindo a trama do conto, conforme já apontado, Darwin teria aparecido pela primeira vez na sua versão masculina, o que era importante tanto para a compreensão da lição que as jovens queriam aplicar em Augusto Annibal, quanto para reforçar o talento do imitador quando ele aparecesse na sua versão feminina. Devemos destacar que não era comum o artista se apresentar em sua versão

⁵⁴ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 61.

⁵⁵ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

⁵⁶ *Ibid*, pp. 83-85.

⁵⁷ *Correio da Manhã*, 06 de setembro de 1923, p. 14.

masculina na década de 1920. Como vimos anteriormente, ele passou a incorporar a dupla dinâmica nos anos 1930. No entanto, a imagem de Darwin como homem não era um mistério, na medida em que parte das capas da partitura com seu repertório apresentavam imagens do transformista como homem e mulher, como na Figura 2.



Figura 2. Recorte da capa da partitura da canção *El Pañuelito*, letra de G. Coria Peñaloza e música de Juan de Dios Filiberto. Fonte: Coleção Almirante – MIS-RJ.

Um elemento sempre em destaque na sinopse do filme é o momento em que Darwin desfaz a farsa e passa a agir como homem. A crítica assinada por Mendes Fradique e publicada em *O Jornal* em 19 de setembro de 1923, detalha como teria sido essa cena e revela uma engraçada situação relacionada à recepção do momento da revelação.

Manda, entretanto, a verdade declarar em que pese ao mulherio, depois da srta. Yara Jordão, a mulher mais bela do filme é... é... Darwin. O dr. Ataulpho Napoles de Paiva, que, ao meu lado, assistia a projeção com os olhos vidrados de patriotismo, monologou pesaroso, enxugando uma lagrima: - Que pena, o Darwin ser homem!... Justamente a esta altura, o imitador do belo

sexo, atirando-se ao divã, arrancava a peruca feminina. E o conspícuo desembargador engoliu o cuspo.⁵⁸

O trecho citado reforça o poder de ilusão de Darwin, assim como a quebra do encanto, recorrente em notas que descreviam os espetáculos nos palcos dos cineteatros cariocas, como a já citada neste artigo “Tira depois a cabeleira em cena e Darwin é o rapaz formoso [...]”⁵⁹ e outra em que a revelação da identidade de gênero do artista é posta como necessária para controlar a plateia masculina: “(...) Darwin engana o olho mais exercitado, enfeitiça o mais sabido dos conquistadores. Mas, às vezes, é preciso pôr um ponto final no entusiasmo da plateia masculina e Darwin faz ouvir a sua verdadeira voz, grossa e cheia, que arrefece todas as audácias em perspectiva”.⁶⁰ A partir disso, podemos imaginar que o filme reproduzia em parte a dinâmica dos espetáculos de Darwin, agora nas telas.

Darwin, noiva de Augusto Annibal

Para fechar esse artigo, vamos analisar as publicidades do filme *Augusto Annibal quer casar*, investigando algumas das estratégias para a promoção do filme, para compreender como Darwin foi utilizado. Em um dos primeiros anúncios sobre o filme em 05 de setembro de 1923,⁶¹ cada artista é apresentado por meio de adjetivos como: Yara Jordão, a Rainha de Copacabana; Viola Diva, a mulher mais perfeita do BA-TA-CLAN; Andrée Fix a deusa do BA-TA-CLAN; Regina Dalthy, estrela do BA-TA-CLAN; Augusto Annibal, o “lindo” comico nacional e Darwin, o assombroso imitador do belo sexo. O nome do transformista surge maior do que o protagonista Augusto Annibal, numa fonte tipográfica diferente e “fechando” o elenco do filme (Figura 3).

⁵⁸ *O Jornal*, 19 de setembro de 1923, p. 5.

⁵⁹ *Gazeta de Notícias*, 01 de novembro de 1914, p. 2.

⁶⁰ *Correio da Manhã*, 21 de dezembro de 1923, p. 5.

⁶¹ *Correio da Manhã*, 05 de setembro de 1923, p. 14.

HOJE **PARISIENSE** **MUITO BREVE**

O primeiro filme especial da genial menina, que com 3 anos apenas, nos associa, brinca com as imitações de Carltos, Harold Lloyd, e outros astros do cinema.

Baby Peggy
Artista de Cinema

E mais: **Vivian Martin e Niles Welsch**
em
A SORTE DE JOANNINHA
Um admirável filme «Paramount»

Amanhã
Disputando um coração
...de uma mulher bonita, de que não será capaz um homem audaz e forte como
Jack Holt?

O «Standard Program», vos responderá isto amanhã

Yara Jordão
A Ruína de Copacabana
Viola Diva
A mulher mais perfeita do BA-TA-CLAN
Andrée Fix
A deusa do BA-TA-CLAN
Regina Dalthy
Estrela do BA-TA-CLAN

AUGUSTO ANNIBAL
o «lindo» comico nacional e
DARWIN
o assombroso imitador do bello sexo em
Augusto Annibal quer casar...
Uma super-comédia nacional, genero «Sunshine», editada pela
Guanabara-Film

Senho Ita Yara Jordão

(8 16 13)

Figura 3. Anúncio do filme *Augusto Annibal quer casar* no qual vemos o nome de Darwin em destaque próximo ao título do filme, com fonte tipográfica diferente dos outros artistas e em tamanho maior que a do protagonista Augusto Annibal. Fonte: *Correio da Manhã*, 05 de setembro de 1923, p. 14.

No dia seguinte, também no *Correio da Manhã*, a publicidade anuncia “Ninguém deixe de vir ver 2^a. Feira este estupendo film da Guanabara. Tem graça, faz rir a valer e nos deliciará com a beleza de Viola Davis, Yára Jordão, Andrée Fix, Regina Dothy, Yara Brasil, as graças de Augusto Annibal, Araujo Vidal, Harry Fleming e Darwin, num papel femino [sic] de entontecer os homens”.⁶² Continuando a campanha do filme, no mesmo

⁶² *Correio da Manhã*, 06 de setembro de 1923, p. 14.

periódico, no dia 07 de setembro de 1923, o texto vende o filme como “A estupenda comedia brasileira com que a Guanabara-Film vai mostrar o que se pode fazer e já se faz no Brasil quanto à fita cinematográfica” e anuncia “20 lindas banhistas no Leblon... Um luxuoso baile... O Ford fantástico! Graça e Beleza!”. Finalizando a publicidade, como último item e em destaque, surge “Darwin noiva de Augusto Annibal” (Figura 4). A associação do nome de dois artistas de relevo da época não é por acaso.

HOJE
E' imperdoável deixar-se
de ir hoje ao
tradicional
PARISIENSE ver
Baby Peggy
Artista de
Cinema

2ª FEIRA

Uma das cenas, uma apenas... — imagine a fita toda!
Uma cena «bataclânica» de

Augusto Annibal quer casar...

A estupenda comedia brasileira com que a
«Guanabara-Film»
vae mostrar o que se póde fszer e já se faz no Brasil
quanto á fita cinematographica!

JACK HCLT Disputando um coração...

BABY PEGGY
Vinde ver
Ella só tem 3 annos e faz cada uma!...
E diga a todos de
casa para virem
assistir

20 lindas banhistas no Leblon ... Um luxuoso baile ... O Ford phantastico!
Graça e Belleza!

*Augusto Annibal - Viola Diva - Yára Jordão
Andrée Fix e Yára Brasil*

DARWIN noiva de AUGUSTO ANNIBAL!

(8 1628)

Figura 4. Publicidade do filme *Augusto Annibal quer casar* no qual vemos em destaque o texto “Darwin noiva de Augusto Annibal”. Fonte: *Correio da Manhã*, 07 de setembro de 1923, p. 14.

Na mesma data, a imprensa utiliza uma estratégia de promoção um tanto inusitada, narra na primeira parte do texto, em tom de fofoca, que “Darwin –o celebre imitador do belo sexo– casa-se por engano...”. O artigo utiliza uma linguagem claramente sensacionalista, contando o fato inusitado, anunciando que o noivo era um ator famoso, sem revelar num primeiro momento quem seria. Apenas ao final, é revelada que tal história inspirava-se na trama do filme a ser lançado.

Circulou, ontem, nas redes teatrais e cinematográficas uma notícia de sensação: Darwin, o famoso imitador de mulheres, acabara de casar-se, com todos os sacramentos, com um conhecido ator brasileiro! O fato se dera desta forma: com a mania de conquistador o artista em questão apaixonara-se pela sua bela vizinha, sem imaginar sequer que a linda espanhola que todas as manhãs via à janela, fosse homem... E Darwin pregou-lhe uma peça formidável: “deu corda” se namoro... e acabou casando. O artista em questão é o conhecido cômico Augusto Annibal, célebre intérprete do “Aguenta Felipe”. E a cena deu-se num filme, num engraçadíssimo filme cômico que a “Guanabara Film” vai lançar segunda-feira no Parisiense. “Augusto Annibal quer casar...” tal é o título desse superfilme cômico em que um punhado de pequenas lindas dançam bailados bataclânicos na praia do Leblon...⁶³

Esse exemplo demonstra como o nome de Darwin tinha força na cena cultural do Rio de Janeiro, a ponto de a propaganda do filme criar uma historieta utilizando o artista para criar interesse na comédia. Outra estratégia de divulgação da obra foi a cobertura das filmagens. O texto “No Leblon com as ‘girls’ do Ba-ta-clan”,⁶⁴ vai por um caminho próximo do anterior, primeiro suscitando a curiosidade do leitor sobre quem estaria com as garotas do Ba-ta-clan curtindo uma praia, para em seguida revelar os bastidores da gravação.

O interesse pelo filme é destaque no dia 08 de setembro, em nota que informa que o filme é [...] tão ansiosamente esperado, a julgar pela avidez com que diariamente acorrem ao querido cinema centenas de pessoas que vão admirar as lindas fotografias desse belo trabalho da cinematografia brasileira, expostas em sua sala de

⁶³ *A Noite*, 07 de setembro de 1923, p. 6.

⁶⁴ *O Imparcial*, 09 de setembro de 1923, p. 8.

espera”.⁶⁵ O texto ainda elogia a produção a comparando com os filmes norte-americanos e afirmando que se os cariocas não reconhecessem Yara Jordão, achariam que ela era uma bela *girl* da Sunshine e Augusto Annibal “passaria por um novo cômico yankee, rival de Carlito”. E o jornalista segue com os elogios, afirmando ser o filme “no gênero, é a melhor coisa produzida até hoje no Brasil” e o primeiro filme cômico editado no país. Embora diga no texto que as afirmações não são exagero, mas sim justiça, as informações nos levam a crer no primeiro caso.

Com a estreia da obra no dia 10 de setembro no Parisiense, saem as primeiras informações sobre o público. A edição de *O Paiz* no dia 11 de setembro traz uma nota com a seguinte afirmação: “pelo sucesso de bilheteria que alcançou (o filme) pôde ter a prova do interesse do público pela produção nacional. À noite, os pretendentes a um lugar na sala enchiam inteiramente a larga calçada em frente ao cinema e a maior parte foi obrigada a adiar a satisfação de seu justo desejo”.⁶⁶ No *Correio da Manhã* a informação sobre o público se confirma com o jornal destacando *Augusto Annibal quer casar* como o maior sucesso da semana.⁶⁷

As polêmicas também fizeram parte da divulgação do filme, mas sem envolver Darwin. O motivo de reclamações eram as garotas do Ba-ta-clan e suas pernas de fora, tanto que uma nota de *A União* dizia que o assunto do filme era “completamente pervertido”.⁶⁸ Um artigo publicado na capa do periódico *A Rua* trazia como título “Mas, que cheiro de Ba-ta-clan. Anúncios obscenos. Com vistas ao sr. chefe de polícia”.⁶⁹

[...] Entretanto, de vez em quando, um ou outro propagandista audacioso ultrapassa os limites da decência, valendo-se dos anúncios pornográficos para impressionar o baixo público. É desse recurso que se está lançando mão, neste momento, o empresário do Cinema Parisiense, na Avenida Rio Branco. Anuncia-se ali, uma fita nacional, uma comédia intitulada *Augusto*

⁶⁵ *Correio da Manhã*, 08 de setembro de 1923, p.5.

⁶⁶ *O Paiz*, 11 de setembro de 1923, p. 2.

⁶⁷ *Correio da Manhã*, 12 de setembro de 1923, p.12.

⁶⁸ *A União*, 18 de setembro de 1923, p. 3.

⁶⁹ *A Rua*, 11 de setembro de 1923, p. 2.

Annibal quer casar, cujo mérito nos abtemos de discutir. Como chamariz, a empresa colocou à porta um enorme cartaz de cores vivas, que a nossa gravura reproduz (Figura 5). Esse anúncio está causando efeito sensacional, não pelo seu valor artístico, mas simplesmente por sua intenção obscena. Representa ela um grupo de mulheres em trajes menores, quase nuas, uma das quais alça a perna sobre a cabeça de um sujeito acororado, a olhar babosamente para cima, ao mesmo tempo que exclama: “Mas, que cheiro de Ba-ta-clan”. É possível que a polícia não tenha visto ainda essa indecência, de outro modo não se explica que tal cartaz continue ali, a afrontar a moralidade pública.⁷⁰



Figura 5. Gravura que reproduz cartaz de *Augusto Annibal quer casar* exposto no Cinema Parisiense e motivo de crítica. Fonte: *A Rua*, 11 de setembro de 1923, p. 2

⁷⁰ *A Rua*, 11 de setembro de 1923, p. 2.

Pode parecer curioso aos olhos de hoje que o incômodo estivesse em mulheres com poucas vestes e não na presença de um transformista, no entanto, para além da compreensão da performance de Darwin como arte, havia um reforço na imprensa de categorizar os espetáculos do imitador como familiares, tanto que a palavra se tornou o adjetivo para descrever as apresentações do transformista: “Número puramente familiar”⁷¹, “Repertorio puramente familiar”,⁷² “DARWIN Conhecido sem rival no gênero! Sublime e escolhido repertorio! Cantante a duas vozes! Gênero de variedade familiar! [...]”.⁷³

Finalizando, podemos constatar como o lançamento do filme beneficiou os artistas envolvidos e alimentou um circuito cultural que já se desenhava como de “cultura de massas”.⁷⁴ Quatro dias após o lançamento do filme no Parisiense, Darwin passa a se apresentar no Rialto, cineteatro que ficava ao lado do primeiro, sendo localizado no cruzamento da Rua Chile, atual Rua da Ajuda, com a Avenida Rio Branco. Menos de dez dias após a primeira exibição do filme, além dos anúncios da comédia e do espetáculo de Darwin aparecerem lado a lado (Figura 6), o mesmo periódico⁷⁵ anunciava que Augusto Annibal retornava aos palcos com a revista que o consagrou *Aguenta Felipe* (Figura 7) e Alda Garrido protagonizava no Teatro Carlos Gomes a burleta *A francesinha do Ba-ta-clan* (Figura 8). Como os meios culturais se retroalimentavam já naquela época, parece óbvia a decisão do Rialto em contratar Darwin para suas atrações de palco, uma vez que o artista estava nas telas do cineteatro vizinho, o que também era interessante para o Parisiense, assim como o regresso de Augusto Annibal ao papel que o levou ao sucesso e a exploração da temática do Ba-ta-clan.

⁷¹ *O Imparcial*, 06 de abril de 1922, p. 6.

⁷² *Correio da Manhã*, 15 de julho de 1922, p.5.

⁷³ *Gazeta de Notícias*, 08 de agosto de 1922, p.8.

⁷⁴ GOMES, Tiago de Melo. *“Como Eles Se Divertem” (e Se Entendem): teatro de revista, cultura de massas e identidades sociais no Rio de Janeiro dos anos 1920*. Tese. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

⁷⁵ *O Imparcial*, 19 de setembro de 1923, p. 12.

IRIS
O MAIS CONFORTÁVEL
HOJE, último dia!
Irremediavel
Super-produção JEWEL UNIVERSAL
Augusto Annibal quer casar
a comédia brasileira de maior sucesso.
Esplendida mentira
PROGRAMMA SERRADOR com GRACE DAVIDSON
AMANHÃ — Buck Jones e Irene Rich, em
FLORES DE NEVE
FOX-FILM — (:) — FOX-FILM
O JURAMENTO
5 actos da Universal. O melhor film de Herbert Rawlinson, ac-
creditado por ESTHER HALSTON.

Rialto
AMANHÃ Matinée infantil
Os Fantoches
HOJE — Na tela
Tudo aniquilado na sua voragem destruidora
A RODA DO VÍCIO
ROY D'ARCIÉE —
a linda estrela,
vos mostrará os seus
perigos
NO PALCO
AMANHÃ:
Theatro Mignon
Fantoches
A's 2 1/2 e 4 1/2
A's 4 1/2 e 9 1/2:
O FAKIR
RACA
a pedido, continuará
seus maravilhosos
trabalhos de magia e
sugestão!
A's 4 1/2 e 9 1/2:
Darwin
exibirá ás senhas
os seus últimos mo-
delos de luxuosas toi-
lettes!

Figura 6. Recorte que demonstra como os anúncios do filme e do espetáculo de Darwin eram publicados lado a lado. Fonte: *O Imparcial*, 19 de setembro de 1923, p. 12.

Theatro Recreio
HOJE
A's 7 3/4 e 9 3/4
Estreia da actriz JUDITH
VARGAS
A revista de incomparavel
exito
**AGUENTA,
FELIPPE**
Sexta-feira, 21 — Reapari-
ção da graciosa actriz
MANOELA PINTO
Estreia do novo quadro "BAN-
CANDO O SACCADURA".

Carlos Gomes
HOJE — A's 7 3/4 e 9 3/4 — HOJE
A interessante burleta do Gastão
Tojeiro com musica do Raul
Martins
**A francezinha
do Ba-ta-clan**
interpretando ALDA GARRIDO a
protagonista
Os vestidos da actriz ALDA
GARRIDO foram confeccionados
na "A Moda", da rua Gonçalves
Dias.

Figura 7 e 8: Recortes de anúncios dos espetáculos *Aguenta Felipe!* e *A francesinha do Bataclan*. Fonte: *O Imparcial*, 19 de setembro de 1923, p. 12.

Considerações

Ao buscarmos investigar como teria sido a participação do transformista Darwin na comédia *Augusto Annibal quer casar* e como ele teria sido utilizado na publicidade do filme, pudemos compreender alguns pontos. Em relação ao imitador do belo sexo, foi possível perceber que o artista teve grande importância na cultural do Rio de Janeiro no início do século XX, principalmente na década de 1920. A passagem de Darwin por dezenas de cineteatros, localizados tanto no Centro, como Zona Norte e Zona Sul, quanto no subúrbio carioca, ressalta seu relevo no cenário das artes de espetáculo da então Capital Federal. Pudemos também inferir seu sucesso pelas notas da imprensa, pelo uso de sua imagem em partituras e por fim, pela participação na ficção de Luiz de Barros. Foi possível aprender sobre como eram seus espetáculos, que ligados à modernidade, eram compostos pela performance de canções de gêneros como fox-trot e tango, exibição de figurinos de luxo e a imitação de trejeitos femininos.

Ao tentarmos reconstituir parte do que teria sido sua participação no filme, conseguimos depreender que o tempo de tela do transformista foi curto, mas que sua presença tinha um protagonismo para a trama. Foi possível ter maior clareza de quais foram suas cenas e o que aconteceu nelas, como uma primeira aparição em sua versão masculina, posteriormente sua imitação do sexo feminino e por fim, a revelação da sua farsa. A análise da única imagem de Darwin na comédia nos permitiu compreender que o artista replicava na tela as vestes, cabelo e maquiagem utilizados em seus espetáculos, imitando uma mulher moderna, com seu corte de cabelo curto, maquiagem marcada e vestido com decote. Ao encontrarmos um relato sobre o momento da revelação do verdadeiro gênero do transformista no filme, pudemos relacionar tal performance com uma encenação comum aos espetáculos do imitador, nos levando a perceber como suas cenas no filme emulavam o que já usualmente fazia sucesso nos palcos.

O olhar sobre os anúncios publicitários nos possibilitou demonstrar o destaque que Darwin teve na divulgação do filme, ainda que seu tempo em cena fosse menor do que de seus colegas de elenco. Também conseguimos identificar as diferentes estratégias de promoção da comédia, como o uso de texto sensacionalista para apresentar uma falsa notícia, que se revelava estar ligada à trama do filme; a cobertura de bastidores das filmagens; o uso de polêmicas como as relacionadas as bailarinas do Ba-ta-clan e a utilização dos nomes dos artistas, como Augusto Annibal e Darwin, como chamariz para a obra. Os anúncios também apontaram a relação entre os diferentes espaços culturais, como cineteatros e teatros de revista que se utilizavam do filme para promover suas atrações.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Luciana Corrêa de. “Augusto Annibal quer casar!: teatro popular e Hollywood no cinema silencioso brasileiro”, *Alceu*, vol. 16, n. 31, julho/dezembro 2015, pp. 62-73.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BARROS, Luiz de. *Minhas memórias de cineasta*. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.
- BRASIL, Eric e Leonardo Fernandes Nascimento. “História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica”, *Revista Estudos Históricos*, vol. 33, n. 691, jan. 2020, pp. 196-219.
- CONDE, Maite. *Foundational Films: Early Cinema and Modernity in Brazil*. Oakland: University of California Press, 2018.
- EBERT, Sancler. “Um transformista no palco, dramas e cômicos na tela: a programação de filmes dos cineteatros cariocas no início do Séc. XX”. In: Gil Mariño, Cecilia Nuria e Julia Elena Kejner. *Nuevas formas del cine y del*

- audiovisual: géneros, afectos, identidades y política: Actas del VII Congreso Internacional AsAECA*. Buenos Aires: Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, 2020, pp. 34-42.
- _____. Darwin nos palcos: entre cômicos, telepatas, fantoches e Pixinguinha. In: *Anais de Textos Completos do XXII Encontro SOCINE*. São Paulo: SOCINE, 2019. vol. 1. pp. 964-969.
- FILMOGRAFIA BRASILEIRA. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p> [Acesso: 24 jul. 2022].
- FREIRE, Rafael de Luna. *O negócio do filme: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915*. Rio de Janeiro: Cinemateca MAM Rio, 2022.
- _____. “Acabaram-se os otários: compreendendo o primeiro longa-metragem brasileiro sonoro”, *Rebeca*, vol. 3, 2013, pp. 104-128.
- GOMES, Tiago de Melo. “Como Eles Se Divertem” (e Se Entendem): teatro de revista, cultura de massas e identidades sociais no Rio de Janeiro dos anos 1920. Tese. Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- GREEN, James. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- MARTÍNEZ, Francisco-Ernesto. “El actor cinematográfico José Bohr se presentó en Masaya, en 1932”, *Revista de Nicaragüenses*, n. 137, setembro de 2019, pp. 421-425.
- PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Viva o rebolado. Vida e morte do teatro de revista brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAMOS, Fernão e Luiz Felipe Miranda. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac, 2000.
- ROCHA, Everardo e Olga Bon. “Muitas mulheres, raras mulheres: representações do feminino nos anúncios dos anos 1920”, *Lumina*, [S. l.], vol. 14, n. 3, 2020, pp. 94-111. DOI: [10.34019/1981-4070.2020.V14.21470](https://doi.org/10.34019/1981-4070.2020.V14.21470).

- RUSCONI, Alex. *Fregoli. La biografia*. Roma: Stampa Alternativa / Nuovi Equilibri, 2011.
- SILVA NETO, Antônio Leão da. *Dicionário de Filmes Brasileiros. Longa-metragem*. São Paulo: A. L. Silva Neto, 2002.
- VASCONCELLOS, Evandro Giansi. *Entre o palco e a tela: As relações do cinema com o teatro de revista em comédias musicais de Luiz de Barros*. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.

Periódicos

- A Noite*. Rio de Janeiro, RJ: Empresa Jornalística A Noite, 1911-1964. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/noite/348970> [Acesso: 17 jun. 2022].
- A Pacotilha*: hebdomadario critico e noticioso. São Luis, MA: Pacotilha, 1881- . Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/pacotilha/168319> [Acesso: 17 jun. 2022].
- A Scena Muda*. Disponível em: <http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/> [Acesso: 17 jun. 2022].
- Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842> [Acesso: 17 jun. 2022].
- Crítica*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1928-1930. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/critica/372382> [Acesso: 17 jun. 2022].
- Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, RJ: Typ. da Gazeta de Noticias, 1875-1956. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730> [Acesso: 17 jun. 2022].
- O Imparcial*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1915-1940. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imparcial/107670> [Acesso: 17 jun. 2022].
- O Jornal*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1919-1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=110523> [Acesso: 17 jun. 2022].

O Paiz. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1884-1934. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691> [Acesso em: 17 jun. 2022].

Data de recepção do artigo: 1 de agosto de 2022

Data aceitação do artigo: 3 de Novembro de 2022

ARK CAICYT:

<http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s24690767/mfh6r7afn>

Para citar este artigo:

EBERT, Sancler. “Darwin casa-se por engano: um transformista em destaque na comédia *Augusto Annibal quer casar* (Brasil, Luiz de Barros, 1923)”, *Vivomatografias. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 8, diciembre de 2022, pp. 169-198. Disponible en: <<http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/411>> [Acceso dd.mm.aaaa].

* **Sancler Ebert** é doutorando do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine – UFF); professor do Centro Universitário FMU/FIAM–FAAM, em São Paulo, e secretário executivo da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine). Pesquisa no Doutorado a relação entre atrações de palco e tela nos cineteatros cariocas no início do século XX por meio da trajetória do transformista Darwin. Membro do grupo de pesquisa Modos de Ver – Estudos das salas de cinema, exibição e audiências cinematográficas (ESPM – UFF/CNPq). E-mail: sanclerebert@yahoo.com.br.